



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14597 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

Educação e Revolução: A escola do PAIGC ao longo da luta revolucionária

Aniele Fernandes de Sousa Leão - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Educação e Revolução: A escola do PAIGC ao longo da luta revolucionária

RESUMO: O Partido Africano de Independência de Guiné Bissau e Cabo Verde – PAIGC, fundado em 1956, instaurou a educação como um dos principais objetivos revolucionários ao longo da luta de libertação nacional dessas duas nações. A pedagogia desenvolvida pelo PAIGC buscou romper com a escola colonial que dominou por longos anos as nações de Guiné Bissau e Cabo Verde. Para isso foram desenvolvidos materiais pedagógicos próprios e estimulado uma capacitação constante dos militantes e professores do Partido. Se a educação colonial estava centrada no objetivo de manter o domínio sobre os territórios africanos, a pedagogia do Partido vai em uma direção muito diferente, seu intuito era a valorização dos territórios, a partir de sua história, geografia, política, arte, entre outros. O PAIGC almejava desenvolver uma escola que celebrasse a libertação dos seres humanos e não a manutenção de seus domínios. Em busca de uma compreensão sobre esse processo nos dedicamos ao estudo do Arquivo Amílcar Cabral, disponível na Fundação Mário Soares: Casa Comum

Palavras- Chave: Educação, Revolução, PAIGC e Amílcar Cabral

O presente estudo teve o intuito de compreender as experiências pedagógicas desenvolvidas pelo Partido Africano de Independência de Guiné Bissau e Cabo Verde ao longo da luta de libertação nacional. O recorte desse estudo concentra-se entre os anos de 1956 e 1975, que marcam, respectivamente, a fundação do PAIGC e o ato de independência de Cabo Verde.

Ao longo da luta de libertação podemos observar que existe um esforço sistemático do PAIGC para a elaboração de uma escola que seja capaz de formar novos homens e novas mulheres para a sociedade que se almejava construir. Em busca desse objetivo são organizadas instituições escolares nas zonas libertas e criada a Escola Piloto, responsável por formar militantes e professores para a luta de libertação.

O Partido Africano de Independência de Guiné Bissau e Cabo Verde – PAIGC, organizou-se, inicialmente, de forma clandestina, sendo fundado oficialmente em 19 de setembro de 1956. Nesse primeiro momento ainda denominado apenas como Partido Africano da Independência – PAI, nomenclatura utilizada até 1960.

A proposta do Partido, como definido em seu primeiro, estatuto era construir uma organização política das classes trabalhadores, que fosse capaz não apenas de combater o colonialismo português, mas que também fosse responsável por conduzir o processo que levaria a elaboração de uma nova sociedade.

O PAIGC já nasce com uma perspectiva internacional na medida em que reúne em um único movimento duas nações dominadas pelo colonialismo português. Além disso, suas lideranças vêm de uma experiência internacional, ao desenvolverem seus estudos em Lisboa e lá ter contato com militantes de diferentes partes do mundo.

Entre os anos de 1956 e 1959, o Partido esteve concentrado em ações nas cidades, buscando meios pacíficos de enfrentar as forças imperialistas. No ano de 1959, no entanto, ao organizar uma greve de trabalhadores no porto de Guiné, que reivindicava por melhores condições de trabalho, o movimento foi recebido com muita violência. O Massacre de Pidjiguiti, como ficou conhecido esse episódio, culminou na morte de mais de 50 marinheiros e estivadores, além de centenas de feridos, levando ao PAI a abandonar os seus métodos pacíficos em favor da luta armada. E é ao longo dessa luta armada que o Partido organiza suas escolas e a formação de seu povo.

A pedagogia desenvolvida pelo PAIGC buscou romper com a escola colonial que dominou por longos anos as nações de Guiné Bissau e Cabo Verde. Para isso foram desenvolvidos materiais pedagógicos próprios e estimulado uma capacitação constante dos militantes e professores do Partido.

Se a educação colonial estava centrada no objetivo de manter o domínio sobre os territórios africanos, a pedagogia do Partido vai em uma direção muito diferente, seu intuito era a valorização dos territórios, a partir de sua história, geografia, política, arte, entre outros. O PAIGC almejava desenvolver uma escola que celebrasse a libertação dos seres humanos e não a manutenção de seus domínios.

Em busca de uma compreensão sobre esse processo nos dedicamos ao estudo do Arquivo Amílcar Cabral, disponível na Fundação Mário Soares: Casa Comum. O acervo do Amílcar Cabral encontra-se digitalizado e disponível de forma gratuita e online para todos os

interessados.

Entender as experiências escolares a partir de materiais disponíveis em um arquivo, nos leva a algumas inquietações, que tem nos desafiado. Ao mesmo tempo em que se busca compreender uma totalidade de acontecimentos, temos uma reduzida amostra, que são documentos em papel de diferentes. Contudo, quando se pensa no volume desses documentos também observamos que compõe uma diversidade muito ampla para o trabalho de um único pesquisador em um curto período de tempo.

O Arquivo Amílcar Cabral é composto por um total de 10204 (dez mil duzentos e quatro) documentos, divididos em 14 temas: Amílcar Cabral (61), Antecedentes (208), Movimentos Anticoloniais (361), PAI/PAIGC (1672), Organização Militar (1256), Organização Civil (179), Organizações Internacionais (130), Correspondências (4729), Independência (44), Fotografias (1393), Imprensa/Recortes (18/146), Biblioteca Digital (6), Docs. PIDE/DGS (7) e Docs. Complementares (12).

Os temas aqui apresentados são ainda divididos em subtemas que permitem aos pesquisadores selecionar temas específicos que se pretende investigar. Contudo, mesmo esse recorte ainda é amplo. O principal tema norteador desse estudo concentrou na investigação de parte dos documentos presentes no tema “Organização Civil”, que estão divididos nas temáticas: Ensino – Escola Piloto – Blufu.

Com uma notória diversidade de temas, o Arquivo Amílcar Cabral é um convidativo espaço de investigação histórica. Mas, passado o deslumbre e a vontade de dar conta de toda essa diversidade, é possível observar que não seria possível, com apenas uma tese de doutorado, dissecar todas as possibilidades apresentadas por esses documentos.

O recorte da educação vem na expectativa não apenas de dar conta de realizar uma análise de parte específica do tema, mas para subsidiar os estudos que pautam a educação como ferramenta de luta. E, tendo em vista que a educação é uma atividade ampla que permeia a vida dos seres humanos, não é possível reduzi-la apenas à escolarização dos indivíduos.

A seleção dos documentos que seriam investigados foi um processo que exigiu um esforço sistemático de leitura e análise da documentação. A partir daí foram selecionados documentos como livros didáticos, atas de reunião escolar, anotações pedagógicas, provas escolares, recortes de jornais, regulamentos escolares, entre outros. Os documentos escolhidos permitem-nos conhecer sobre o cotidiano da escola e sua estrutura.

Os fundamentos teóricos que norteiam esse estudo estão fundamentos em uma leitura marxista, na qual destacamos os textos de autores como Amílcar Cabral, Lenin, Angela Coutinho, Julião Soares, Paulo Freire, Nkrumah Kwame, Ivo Tavaré, entre outros. Tratam-se de autores dedicados ao estudo das colonizações africanas e da luta do PAIGC.

O estudo dos documentos selecionados está sendo investigado a partir de uma análise imanente, buscando uma compreensão completa das informações presentes nos documentos e um diálogo com a bibliografia selecionada para estudo. Entre os autores investigados Amílcar Cabral e Paulo Freire, são os que permitem uma maior aproximação com a escola do PAIGC.

Paulo Freire reconheceu Amílcar Cabral como um Pedagogo da Revolução e essa definição é pautada na atuação do revolucionário na luta pela independência. Estudos realizados por Freire, em Guiné Bissau, que incluem entrevistas e visitas de campo, permitiram ao patrono da educação brasileira vivenciar diferentes experiências educativas.

No livro “O Pedagogo da Revolução”, publicado após a morte do patrono da educação brasileira, é fruto de uma conferência que o mesmo proferiu na Universidade de Brasília – UnB, em novembro de 1985. Através do relato de Freire podemos conferir a admiração que Amílcar Cabral despertava no povo e como sua figura permanecia viva, mesmo após a sua morte. Nesse relato apaixonado de Freire é difícil não se levar por uma grande admiração por Amílcar e sua luta revolucionária.

Para além de Freire, Amílcar Cabral já havia se estabelecido como um intelectual e revolucionário internacionalmente conhecido. Mas, à ida de Paulo Freire à África e sua colaboração com os processos educativos do PAIGC, fez com que a imagem de Amílcar Cabral chegasse até diferentes territórios.

Freire não teve a oportunidade de conhecer Cabral pessoalmente, pois na época que foi convidado a prestar consultoria ao PAIGC, Amílcar já havia sido assassinado. Essa falta de contato pessoal, contudo, não impediu que Freire contribuísse com uma importante narrativa sobre a vida do revolucionário.

Os dados do sistema educacional apresentados por Freire através do estudo do produzido por Luiza Teotônio Pereira e Luiz Motta, em 1976, fruto do balanço avaliativo das conquistas registradas nos três anos que se sucederam o processo de independência, nos revelam como o PAIGC, em pouco tempo, foi capaz de modificar as experiências educativas dessas nações e promover um processo formativo que conseguiu superar, em apenas dez anos, as feitorias dos colonizadores que estavam na região há séculos.

Cabral era o Pedagogo da Revolução porque o processo educativo vislumbrado pelo Partido tinha o intuito de fazer-se presente de forma cotidiana na luta e não apenas nos espaços escolares. A educação é, portanto, um amplo processo de formação dos indivíduos, sendo que a escolarização compõe parte desse processo.

O Primeiro Congresso do PAIGC, realizado em Guiné-Bissau no ano de 1964, definiu a educação como prioridade do Partido e da luta revolucionária. Amílcar Cabral defendia que o processo educativo do PAIGC deveria ser capaz de contrapor o sistema educativo promovido pelos portugueses, pois a educação que se desejava promover em Guiné e Cabo Verde era uma educação libertadora. A educação para o Partido era desse modo um

instrumento fundamental. Sem o envolvimento e formação do povo na luta não seria possível o sucesso da ação revolucionária.

Cabral empenhava-se para promover um processo educativo das bases, visitava os acampamentos, promovia discursos, produzia materiais didáticos, panfletos informativos, entre outros. Nos informes do Partido sempre estava presente a orientação de que os companheiros que sabiam ler deveriam ler para os que não sabiam. Aprender sempre era uma palavra de ordem.

Amílcar Cabral acredita que o processo de escolarização do povo guineense e cabo-verdiano deveria ser fomentado ao longo do processo revolucionário. Para isso, cria em Conakry, na vizinha Guiné Conakry, a Escola Piloto, que estava incumbida de formar os novos quadros do Partido.

Além disso, cria, também, escolas para os filhos dos guerrilheiros, sendo que algumas funcionavam no formato de internato, no qual as crianças não apenas estudavam, mas, também, moravam nessas escolas. Trata-se de um modelo de autogestão, em que os alunos cuidam e constroem a própria escola.

A escola do PAIGC expande-se por todas as áreas libertas e torna-se uma grande referência de sucesso para a luta revolucionária. A partir da análise da documentação investigada podemos perceber que o PAIGC desenvolve um grande esforço para construir uma escola que seja capaz de libertar as mentes colonizadas. Contudo, podemos observar que essa escola ao mesmo tempo em que se organiza de maneira revolucionária, também reproduz aspectos da escola tradicional.

A análise das provas escolares revela que as perguntas ali propostas buscavam enfatizar um processo de memorização de nomes e localidades, ao mesmo tempo em que os livros didáticos eram organizados através de palavras gerados. Essas contradições desenvolvidas no âmbito da escola podem ser compreendidas como integrantes das contradições que abarcam toda a sociedade. Não é possível romper com todos os aspectos da escola tradicional e se construir uma nova escola, pois as mudanças são frutos de processos de longa duração.

A partir da investigação dos documentos selecionados concluímos que mesmo reproduzindo diferentes situações das escolas tradicionais, as escolas do PAIGC foram capazes de formar os sujeitos a partir dos princípios revolucionários e da coletividade. Ao gerir as escolas a partir da coletividade e dialogar sobre temas gerais da sociedade, o PAIGC manteve a escola como um importante espaço de formação humana, de forma plena, não se limitando apenas à conteúdos específicos como eram organizadas as escolas tradicionais. Assim, mesmo diante de uma diversidade de contradições, pode-se afirmar que a escola do PAIGC era uma escola revolucionária.

Referências Bibliográficas

- HOBBSAWM, Eric J. O Breve Século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KRUPSKAYA, N. K. A construção da pedagogia socialista. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- LUKÁCS, Georg. As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. Texto produzido para realização de conferência no Congresso Filosófico Mundial, 1968.
- MACHEL, Samora. Estabelecer o Poder Popular para servir as massas. In: MANOEL, Jones; LANDI, Gabriel Fazzio. Revolução Africana: uma antologia do pensamento marxista. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2019A.
- MACHEL, Samora. A luta continua. In: MANOEL, Jones; LANDI, Gabriel Fazzio. Revolução Africana: uma antologia do pensamento marxista. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2019B.
- MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola. Angola: Edição do Departamento de Informações e Propagandas.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.
- NETO, Agostinho. Discursos 1. Edição do Departamento de Informação e Propaganda, 1975.
- NKRUMAH, Kwame. Luta de Classes em África. São Paulo: Nova Cultura, 2018.
- NKRUMAH, Kwame. O Socialismo Africano Revisitado. In: In: MANOEL, Jones; LANDI, Gabriel Fazzio. Revolução Africana: uma antologia do pensamento marxista. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2019.
- SIQUEIRA, Sandra M. M.; PEREIRA, Francisco. O Materialismo Histórico. LeMarx/FACED/UFBA, Salvador, 2019.
- THIAM, Iba Der; MULIRA, James. A África e os países socialistas. In: MAZRUI, Ali A; WONDJI, C. (Org): História Geral da África: África desde 1935. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO/MEC/UFSCar, 2010, Vol. 8, p. 965-1001.